# DO OUTRO LADO DO PORTÃO: como os alunos de uma escola pública do município de Porto Alegre percebem o espaço escolar

*Maria Alice Gouvêa Campesato*

**Resumo**

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com estudantes concluintes do Segundo e do Terceiro Ciclos de uma escola da Rede Pública do município de Porto Alegre. A motivação para a realização da pesquisa está relacionada aos discursos produzidos a respeito da instituição *escola*: "ela está desatualizada"; "os professores não estão preparados para trabalhar com as novas configurações de alunos"; "os estudantes não têm interesse em aprender e não veem importância dessa instituição em/para suas vidas". Mas será que os alunos se percebem assim? Será que eles não gostam de estar ali e não veem sentido em estudar? Como eles se percebem e percebem o espaço escolar na contemporaneidade? A partir dessas indagações, realizou-se a pesquisa, cujo objetivo foi investigar como os alunos percebem e se percebem no espaço escolar. Para a coleta de dados foram utilizados questionários e alguns documentos. A análise dos dados procurou conversar com autores que trabalham em uma perspectiva foucaultiana. Como resultados dessa investigação, conclui-se que os alunos pesquisados percebem a escola como um espaço importante em suas vidas, e os professores são os maiores responsáveis por isso.

**Palavras-chave**: contemporaneidade; estudantes; espaço escolar; professores.

## INTRODUÇÃO: DISCURSOS DE UM MUNDO LÍQUIDO

> *O estrangeiro está constantemente ante portas – no portão; mas é a presumida má vontade do estrangeiro, de um estrangeiro conspirando para entrar, irromper e invadir, que torna o portão tangível*. (BAUMAN, 2008, p.122)

O portão, que protege o espaço escolar e o separa do "lado de fora", pode guardar segredos, conter desejos, produzir sonhos, provocar afetos – ou não. Ao passarmos diariamente por esse portão somos estrangeiros, irrompendo e invadindo um espaço que também a nós pode ser estrangeiro. Assim, parece que a escola é um lugar de estrangeiros: alunos, professores, funcionários, pais.

Essa instituição tem sido estudada e analisada desde sua constituição na modernidade, dada à complexidade e a multiplicidade de coisas que compõem o universo escolar.

A escola, em especial a escola pública, tem sido tema recorrente em debates, pesquisas e produções acadêmicas. Na mídia, essa instituição tem ocupado papel de destaque, tanto em manchetes e páginas nobres da imprensa escrita, como em programas televisivos e canais de compartilhamento da web. Muitos discursos têm sido produzidos a partir da suposta crise dessa instituição moderna, que é, segundo Bauman (2008, p. 164), "[...] antes e acima de tudo, uma crise de instituições e filosofias herdadas." Tais discursos são permeados por relações de poder que se estabelecem dentro e fora dos espaços escolares, numa gama ampla de interesses de diversas naturezas e com propósitos também diversos. Essa crise está intimamente relacionada com a liquidez contemporânea, em que

> [...] a dissolução universal das identidades, com a desregulamentação e a privatização dos processos de formação de identidade, com a dispersão das autoridades, a polifonia das mensagens de valor e a subseqüente fragmentação da vida que caracteriza o mundo em que vivemos – o mundo que prefiro chamar de "pós-moderno". (BAUMAN, 2008, p. 164)

Essa polifonia das mensagens de valor a que se refere Bauman se faz presente nas instituições de ensino, produzindo impressões que muitas vezes se constituem em verdades, em "bandeiras de luta", em dogmas. Há aqueles que defendem sua extinção, por perceberem a escola como inadequada e ineficaz às necessidades crescentes do mundo globalizado. Para esses, a escola está desatualizada; os professores não parecem ser capazes de promover o desejo de aprender em seus alunos; as equipes gestoras são responsáveis pelos baixos índices de desempenho de seus estudantes nas avaliações de larga escala; e as famílias são vistas como negligentes, despreocupadas, e desinteressadas no processo educacional de seus filhos. São generalizações discursivas que parecem reverberar em grande parcela da sociedade.

As generalizações também estão presentes em discursos produzidos pelos professores dentro dos espaços escolares, tanto em situações informais – como em salas de professores ou corredores de escolas, por exemplo –, quanto em situações formais – como em reuniões pedagógicas, espaços de formação e em instrumentos de avaliação. Tais discursos nos levam a crer que os alunos não gostam de estar na escola, que não têm interesse em aprender e que não veem grande importância dessa instituição em/para suas vidas. Esses discursos acabam por se naturalizar e constituir realidade. Mas será que os alunos se percebem dessa forma? Será que os alunos que frequentam a escola hoje não gostam de estar ali e não veem sentido em estudar? Afinal, como os estudantes se percebem e percebem o espaço escolar na contemporaneidade?

A partir dessas indagações, decidiu-se propor um estudo de caso em uma escola da Rede Pública do município de Porto Alegre, com o objetivo de investigar como os estudantes dos anos finais do Segundo e do Terceiro Ciclos[1] percebem e se percebem nesse espaço. Essa escolha metodológica se justifica em virtude da necessidade de compreender alguns aspectos que compõem essa escola específica, e como isso se articula com a liquidez contemporânea. De acordo com André (1995, p. 31), o "interesse do pesquisador, ao selecionar uma determinada unidade[2], é compreendê-la como uma unidade", o que não significa que ele mantenha essa "unidade" desvinculada de um contexto.

Como forma de introduzir a problemática, far-se-á um breve histórico do bairro em que a escola está localizada, bem como da instituição, com o propósito de contextualizar o objeto desta pesquisa.

## CONTEXTUALIZANDO UM LUGAR EM MOVIMENTO

A escola em questão está localizada no bairro Restinga, no extremo sul do município de Porto Alegre. Esse bairro possui 60.729 habitantes e densidade demográfica de 1.574,92 habitantes por km², de acordo com o Censo Demográfico da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (2010). Também apresenta uma taxa de analfabetismo de 4,03%; o abandono escolar no Ensino Fundamental foi de 0,36%, e no Ensino Médio de 20,82%, no ano de 2014, conforme os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, INEP (2013). A nota média do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), de 1ª a 4ª série das escolas públicas desse bairro, é de 4,5 (dados de 2013), enquanto que no bairro que apresenta maior valor é de 6,7. Já o de 5ª a 8ª série é de 3,3, ao passo que no bairro que apresenta melhor valor é 4,8. O rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 2,10 salários mínimos, enquanto que no bairro que apresenta melhor valor é de 18,24 salários mínimos, de acordo com o IBGE (2010).

Pode-se observar, assim, que o bairro apresenta índices bem mais baixos com relação a outros que compõem o município de Porto Alegre, o que pode ser um dos elementos que

[1] As escolas da Rede Pública de Porto Alegre estão organizadas em Ciclos de Aprendizagem, em que o Primeiro Ciclo corresponde aos três primeiros anos; o Segundo Ciclo compreende do quarto ao sexto ano; e o Terceiro Ciclo corresponde aos três últimos anos do Ensino Fundamental.

[2] É importante salientarmos, porém, que a unidade aqui, é entendida por nós como múltipla, em movimento, e não uma "unidade" homogênea, fixa, em que todos os elementos que a compõem sejam iguais ou mesmo semelhantes entre si.

vêm a contribuir para algumas percepções sobre a importância – ou não – da escola para os alunos.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola, uma grande quantidade de moradores da 5ª Unidade da Restinga, área em que está localizada a escola,

> [...] não possui emprego formal, sobrevivendo de empregos esporádicos ou de programas governamentais de assistência. É marcante, também, a influência do tráfico e consumo de drogas nas organizações familiares. O tráfico representa, muitas vezes, a renda principal da família, ao mesmo tempo em que o consumo representa a crise e a fragilidade destes laços. A presença dos órgãos de Estado não é efetiva, decorrendo dessa ausência a intensificação da insegurança, favorecendo a produção de uma sociabilidade sustentada por relações de dependência e lealdades pessoais. A comunidade escolar se encontra, portanto, em uma posição de vulnerabilidade social. (PREFEITURA MUNICIAL DE PORTO ALEGRE, 2015, p. 6)

Dessa forma, muitas dessas famílias contam com auxílios como o *Bolsa Família*[3], por exemplo. Assim, é um bairro que, além da escassez de serviços e recursos a que é submetido, possui uma forte estigmatização, de maneira que os seus moradores possuem mais esse entrave na organização de suas próprias vidas.

Fundada no ano de 2002, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Carmo contava com apenas dois pavilhões de madeira, onde funcionavam, precariamente, as aulas, a Secretaria e os demais serviços. Para dar conta da demanda da comunidade, cujo número de moradores aumentava, a mantenedora acrescentou mais pavilhões de madeira. Assim, até a construção dos prédios definitivos, a escola operava em quatro prédios improvisados (ao estilo das brizoletas). Não havia calçamento, e nos dias de chuva, os professores e alunos deslocavam-se em meio a poças d'água. Nesses dias não havia recreio, o que provocava muita turbulência no espaço. O deslocamento nas horas de almoço ou lanche também era tumultuado em virtude da chuva e do barro que se formava no trajeto. Algumas salas de aula eram separadas com divisórias, a fim de que se pudessem oferecer um número maior de turmas. Foi somente em 2010 que iniciou a construção dos prédios definitivos de

[3] Bolsa Família é um programa federal destinado às famílias em situação de pobreza e extrema pobreza, com renda per capita de até R$ 154 mensais, que associa à transferência do benefício financeiro do acesso aos direitos sociais básicos - saúde, alimentação, educação e assistência social. Através do Bolsa Família, o governo federal concede mensalmente benefícios em dinheiro para famílias mais necessitadas. (PORTAL BRASIL, 2016).

alvenaria, mas apenas no ano de 2013 é que todas as atividades passaram a operar no novo espaço[4].

Dos pavilhões de madeira aos prédios de alvenaria, esse espaço tem se modificado bastante: o número de alunos aumentou consideravelmente, bem como o número de professores. Dessa forma, a percepção sobre esse lugar também foi e está se modificando.

Com o objetivo de refletir sobre algumas dessas mudanças, principalmente em relação à percepção dos alunos sobre o espaço escolar, se constitui essa pesquisa, que possui uma abordagem qualitativa. No que diz respeito a essa abordagem, André (1995, p. 24) argumenta que

> [...] mesmo quando se reportam dados de depoimentos, entrevistas ou de observações, é, não raro, conveniente que se expressem os resultados também em números, como por exemplo, numa situação em que se esteja revelando a opinião dos professores sobre uma nova proposta. É muito mais interessante e ético dizer que "30% dos entrevistados consideraram a proposta autoritária" do que afirmar genericamente que "alguns professores consideraram a proposta autoritária". [...] No caso, o número ajuda a explicitar a dimensão qualitativa.

Essa escolha metodológica se deu em virtude da necessidade que se tem, neste momento, de levantar alguns dados estatísticos que possibilitem capturar um momento específico e analisá-lo. Isso se dá, especialmente, por não ter-se a pretensão de chegar a uma verdade. Com relação a isso, Foucault entende que verdade, "[...] não quer dizer o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou fazer aceitar, mas o conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso, e se atribui ao verdadeiro, efeitos específicos de poder." (2001, p.13). Assim, ao lançar o olhar sobre esse momento capturado, almeja-se perceber como se articulam as várias forças que compõem o cotidiano dessa escola específica, incidindo na percepção dos estudantes.

Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados questionários aplicados diretamente com os alunos. Também foi utilizado, como complemento do questionário, o Projeto Político Pedagógico da instituição. A análise dos dados obtidos na pesquisa procurou conversar com autores que trabalham em uma perspectiva foucaultiana, procurando compreender os discursos em sua complexidade.

Participaram desta pesquisa 85 alunos das quatro turmas que compõem os últimos anos do segundo e do terceiro ciclos, distribuídos da seguinte forma: 60 alunos do 6º ano e 25

[4] A comunidade participou ativamente dos dois momentos de construção da escola: na primeira fase, através do Orçamento Participativo; e na segunda, quando da construção dos prédios de alvenaria.

alunos do 9º ano. Essa escolha se deu em virtude desses estudantes estarem concluindo uma fase de suas vidas escolares, possuindo uma gama de experiências e vivências junto ao espaço escolar que, aliada à visão crítica dos mesmos, pudessem servir como rico material de análise.

O questionário não requeria identificação, com o propósito de assegurar a honestidade das respostas, a fim de evitar um provável medo de que a identificação pudesse levar a uma eventual punição. Esse instrumento foi aplicado em sala de aula com os estudantes que se encontravam presentes naquele dia, ou seja, não houve escolha de alunos a serem pesquisados, a fim de garantir que a diversidade presente no espaço escolar fosse contemplada e se tornasse visível na investigação.

Foram realizadas dez perguntas abertas; não havia condução ou sugestão alguma para as respostas, com o propósito de que os alunos respondessem de acordo com a sua percepção sobre a escola naquele momento. As perguntas realizadas foram as seguintes: "Há quanto tempo você é aluno?"; "Há quanto tempo você é aluno desta escola?"; "O que mais lhe chama à atenção nesta escola?"; "Que aspectos você considera positivos nesta escola?"; "Que aspectos você considera negativos nesta escola?"; "Como você percebe as relações que se dão neste ambiente, com relação a: alunos, famílias, colegas, equipe diretiva, direção e vice-direção?"; "O que mais lhe agrada nesta escola?"; "O que mais lhe desagrada nesta escola?"; "Você considera que a escola é importante para você? Por quê?"; "Você acredita nesta escola? Por quê?".

Primeiramente, as respostas foram transcritas e organizadas por turma, para que se pudesse apurar os resultados específicos. Posteriormente, agrupou-se por categorias, a fim de fazer um levantamento prévio quantitativo para posterior análise. Por fim, cruzaram-se as informações obtidas, elaboraram-se os gráficos e iniciou-se o processo de análise.

## AS RESPOSTAS

Os alunos que participaram da pesquisa encontram-se entre 10 e 16 anos de idade, sendo que a maioria possui entre 11 e 13 anos, conforme o gráfico a seguir:

Figura 1: Faixa-etária dos alunos pesquisados

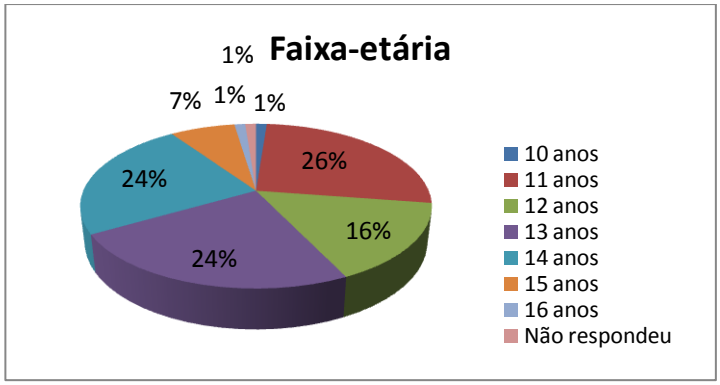



Gráfico criado pela autora

Também se pode constatar que 51% dos alunos pesquisados possuem mais de 7 anos de vida escolar, e que 62% do total desses estudantes estão nessa escola há mais de 6 anos. É importante salientar que os resultados obtidos com relação à percepção do espaço escolar, bem como à preocupação que apareceu na pesquisa no que se refere a aspectos relacionados à organização, infraestrutura, cuidado com o espaço e comportamento, podem estar relacionados ao fato de que a maioria desses estudantes iniciaram suas vidas escolares nessa escola e, portanto, acompanharam o processo de construção dos novos prédios e demais espaços da instituição, conforme observa-se nos gráficos abaixo.

Figura 2: Tempo de escolaridade

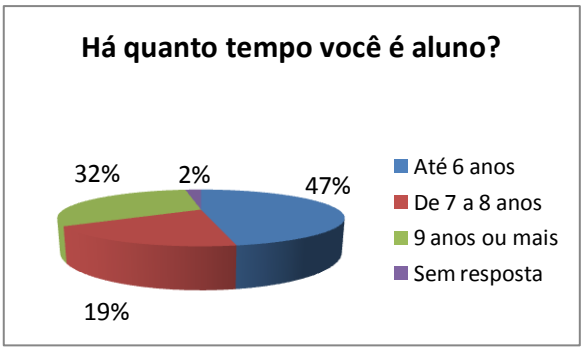
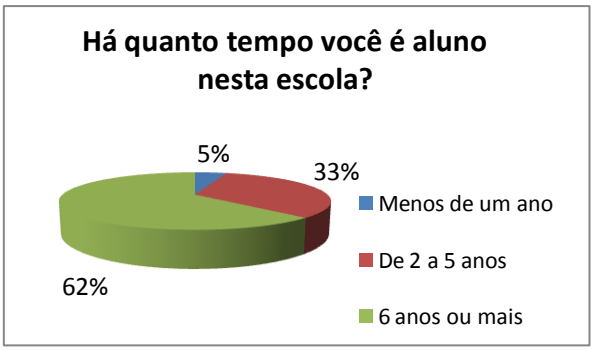



Figura 3: Tempo na escola analisada




Gráficos criados pela autora

Quando perguntados sobre o que mais lhes chamava à atenção na escola, as respostas foram as seguintes: 34 alunos apontaram professores e aulas; 10 alunos apontaram as relações interpessoais; 14 alunos salientaram momentos de recreação; 16 estudantes manifestaram

infraestrutura; 6 alunos salientaram bem-estar (organização, limpeza, segurança); 3 alunos responderam "nada"; e 2 alunos não responderam.

Dos 85 alunos, 75 apontaram aspectos positivos e 10 destacaram questões negativas, como agressividade; desorganização; impunidade; bullying e banheiros sujos. Tais respostas variaram desde "A quantidade de funkeiros e alunos 'patifões' que provavelmente não terminarão o Ensino Médio" (aluno do 9º ano), ou "O esforço dos professores para ensinar" (aluno do 6ª ano C), até "Gurias bonitas e trabalhos importantes" (aluno do 6º ano B).

Apenas 7% dos alunos consideram o recreio como o ponto que mais chama a atenção, conforme apresenta a Figura 5. Esse dado leva a uma reflexão que se distancia do entendimento usual que afirma que os alunos não demonstram interesse nas aulas ou mesmo que não percebem o esforço da comunidade escolar como um todo com os processos educativos.

Figura 5: O que mais chama a atenção na escola

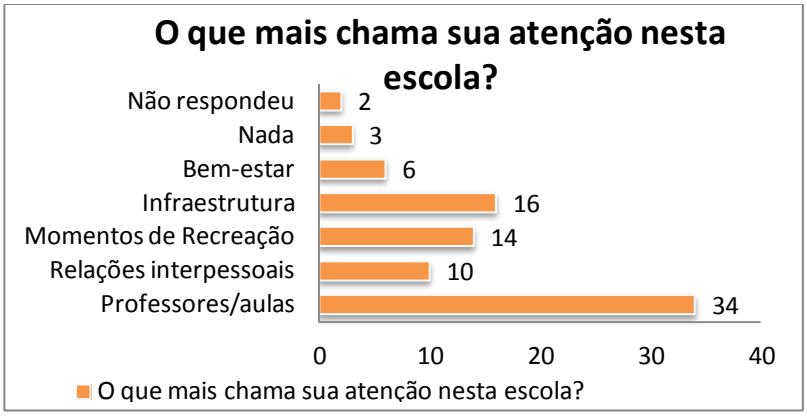



Gráfico criado pela autora

Conforme se pode observar, para 76% dos alunos pesquisados, os aspectos que mais chamam sua atenção estão relacionados ao ensino, às aulas, à atenção dos professores, à organização das salas de aula e à estrutura física do espaço da instituição.

Um aspecto importante a considerar, está relacionado ao fato dessas turmas analisadas estudarem em salas ambiente: laboratório de Ciências; sala de Artes; sala de Geografia; sala de História; sala de Línguas Estrangeiras; sala de Português e sala de Matemática. Essas salas foram organizadas e decoradas há três anos pelos professores da instituição, juntamente com a coordenação pedagógica e com os alunos, que, num processo coletivo, realizaram projeto que buscava melhorar a qualidade das aulas, promover a autonomia dos estudantes e minimizar os

problemas de vandalismo que começavam a ocorrer no espaço. Além disso, a escola ainda possui uma sala para atividades múltiplas, que é utilizada para sessões de vídeos, aulas de dança, palestras e reuniões.

Outro espaço considerado importante para os alunos pesquisados diz respeito às quadras esportivas (são duas quadras, sendo que uma delas é coberta). Há ainda uma área coberta com um palco, onde acontecem as diversas apresentações artísticas ao longo do ano, bem como festividades e as filas para os alunos do segundo ao quinto ano. O laboratório de Informática é outro espaço bastante citado pelos estudantes. É importante salientar que esses espaços são novos na escola e faziam parte das reivindicações dos alunos que estudavam na instituição antes da construção dos novos prédios.

Quando perguntados sobre como percebiam as relações que ocorrem na escola, a maioria considera entre ótima e boa (entre 44 e 51%); entre 6% e 16% dos alunos consideram medianas; entre 11 e 29% dos alunos consideram as relações ruins; e 16% a 29% dos estudantes não sabem ou não responderam, conforme se pode observar no gráfico abaixo.

Figura 6: Como são percebidas as relações na escola

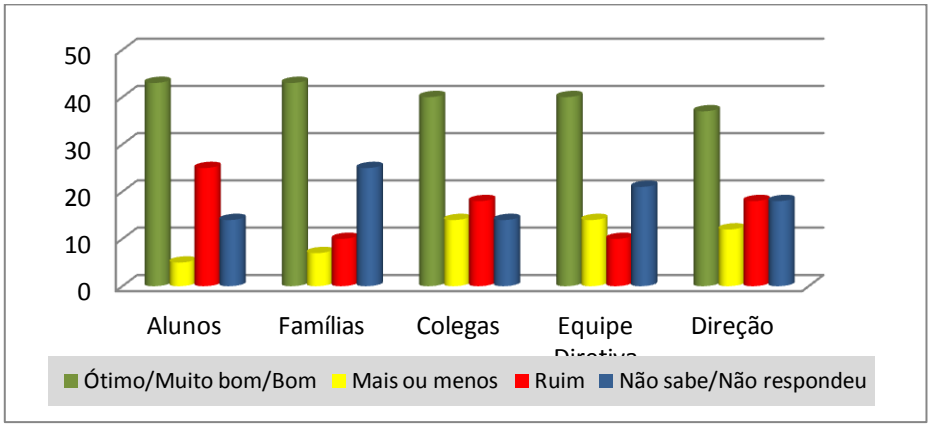



Gráfico criado pela autora

Chamou a atenção que um grande número de estudantes percebe como ruins as relações entre os próprios alunos e desses com a direção. No que diz respeito à relação dos alunos, aparecerem falas como "Eu acho um pouco desaforados" (aluno do 6º ano C); "Mal-educados" (2 alunos do 6º ano A); "Algumas relações não são aceitáveis" (alunos do 6º ano B); "Gosto de fazer amizades, mas tem pouca gente (alunos) com jeito (atitude) decente nesta escola." (aluno do 9º ano). Quanto à relação com a Direção, apareceram falas como "São chatas" (aluno do 6º ano A); "São muito diferentes com pessoas injustas" (aluno do 6º ano C);

“Boa para os alunos que incomodam” (aluno do 6º ano B); “Minha relação com a vice-diretora não é agradável, não falo muito com ela porque ela é muito fechada, grossa, e os outros são queridos, ao contrário dela” (aluno do 9º ano); “A vice-direção, eu acho que é um pouco brava e às vezes acaba sendo ignorante; e a direção eu acho que poderia se relacionar mais com os alunos” (aluno do 9º ano).

Pode-se observar, a partir desses discursos, que os alunos percebem que deveria haver respeito maior entre eles e da direção com relação a eles. Apareceram falas que se relacionam à injustiça no tratamento com alguns alunos.

No que diz respeito às relações com as famílias, apareceram falas como “Precisa ter mais reuniões com os pais dos alunos” (três alunos do 6º ano A); “Deviam dar mais atenção, pois tem famílias que é raro vir, e quando vêm, não têm muita atenção” (aluno do 9º ano); “Deveriam ser mais presentes” (três alunos do 6º ano B); “As famílias, eu só pude ver como é a relação com os professores na reunião que teve no sábado com os alunos. Pelo que eu vi, é boa, porque os pais falam o que acham, e os professores aceitam; e os professores falam o que pensam, e os pais também aceitam.” (aluno do 9º ano). Dessa forma, pode-se observar que a percepção dos alunos sobre a relação que a escola mantém com as famílias oscila bastante, e que eles valorizam a presença e a participação das famílias no espaço escolar.

Os estudantes foram perguntados sobre quais aspectos consideram positivos na escola, e os resultados foram os seguintes: 42% responderam “professores, aulas ensino”; 15% mencionaram salas de aula, pátio, decoração, estrutura, e organização; 10% responderam que “tudo ou quase tudo”; 6% disseram “a comida, o refeitório e o lanche bom”; 6% referiram-se a aspectos de infraestrutura, como espelhos nos banheiros e organização dos espaços. Dessa forma, percebe-se que os alunos encontram-se satisfeitos com as aulas e com o espaço físico da instituição.

Quando perguntados sobre o que mais lhes agrada na escola, as respostas foram bastante variadas, como “A paisagem”, ou “A atenção dos professores com os alunos” (alunos do 6º ano C); “Quase tudo, menos os banheiros”, ou “Alguns colegas e as atividades das aulas” (alunos do 6º ano A); “O respeito dos professores”, ou “A união dos colegas em grupo” (alunos do 6º ano B); “O jeito que os professores dão aula”, ou “A merenda: as moças da cozinha capricham” (alunos do 9º ano).

Observa-se que as respostas foram muito similares às da pergunta “Quais aspectos você considera positivos na escola?”: 42% responderam que os “professores, aulas, ensino, tarefas, temas”; 9% responderam que o “refeitório, comida, lanche”, são os aspectos que mais

lhe agradam. Assim, após categorizar as respostas, as mesmas foram tabuladas e os dados cruzados, conforme se pode observar no gráfico abaixo.

Figura 7: O que mais agrada na escola e aspectos positivos

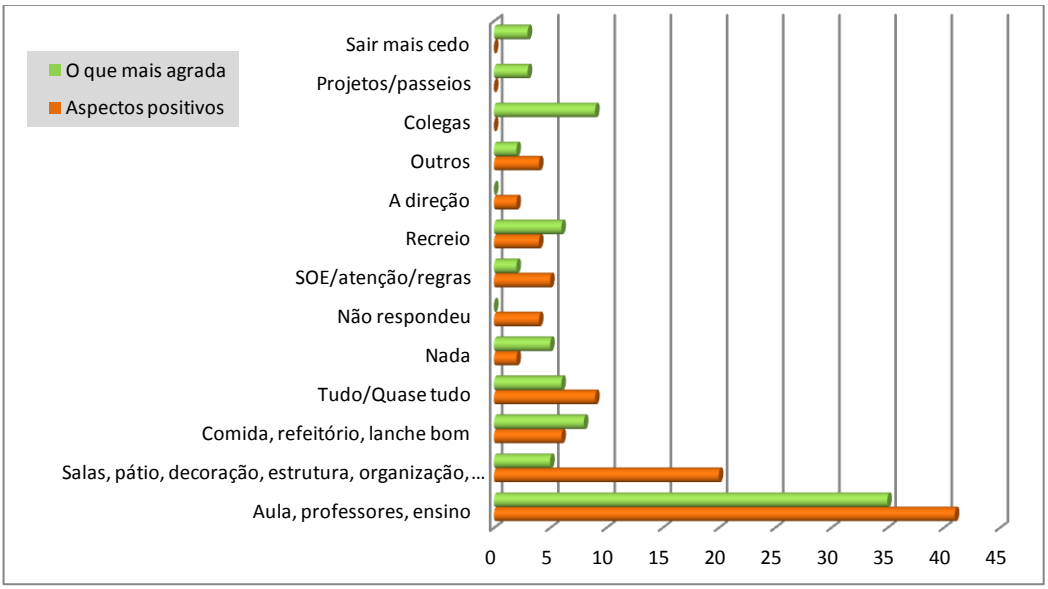



Gráfico criado pela autora

Quanto aos aspectos que consideram negativos na escola, 23% dos alunos apontaram as brigas e a falta de respeito dos próprios alunos; 14% apontaram a sujeira dos banheiros, especialmente devido aos papéis jogados no chão; 11% responderam "nada", ou seja, para esses alunos não há aspectos negativos; o mesmo número de alunos (11%) relacionou o refeitório, principalmente os alunos do 9º ano, conforme observa-se nas seguintes falas: "Não põem sal na comida, os sucos são amargos, os achocolatados te deixam diabético, os lanches são só bolacha. Arrumem isso."; "A comida do refeitório não tem sal"; "O lanche do recreio, acho que deveria ser mais reforçado"; ou em falas de alunos de 6º ano, como "Na fila do refeitório, os grandes furam a fila" (alunos do 6º ano B); ou "O refeitório" (três alunos do 6º ano C).

Percebeu-se que um número considerável de estudantes que se referiu a questões de comportamento, considerando-os como negativo (23%), pode estar associado ao tempo de escolaridade que possuem; ou seja, são alunos que já adquiram hábitos, costumes e discursos disciplinares. Esses alunos entendem a falta de respeito, as brigas, os palavrões, como inadequados ao ambiente escolar, a ponto de desagradá-los. No que diz respeito à disciplina, Foucault (2004, p. 119) aponta que ela "[...] fabrica assim corpos submissos e exercitados,

corpos ‘dóceis’.” Essa fabricação também produz a vigilância e o controle: de si e sobre si; dos outros e sobre os outros.

Quando perguntados sobre o que mais lhes desagrada na escola, as respostas não modificaram muito da pergunta “Que aspectos você considera negativos na escola?”: 26% responderam “Colegas, desrespeito, brigas, desafeto”; 15% responderam “Nada”; 13% responderam “Professores, ensino, aulas, tarefas, temas”. Algumas falas foram bastante significativas, como “O mau comportamento com os diferentes”, ou “Não ter todos os ventiladores funcionando na sala de aula” (alunos do 6º ano C); “Apelidos de mau-gosto colocados pelos alunos”, ou “A saída é um tumulto” (alunos do 6º ano A); “Porta do banheiro das meninas quebradas e vidros quebrados”, ou “A sala de História porque é muito quente” (alunos do 6º ano B); “Os lanches tem que variar. E na hora do almoço nos servir, porque o 3º Ciclo não é criança, né?”, ou “Uma certa desorganização que ocorre no portão nos horários de entrada e de saída, principalmente entrada” (alunos do 9º ano).

Assim, realizou-se o mesmo procedimento de categorizar os dados, tabulá-los e cruzar os resultados em um único gráfico:

Figura 8: O que mais desagrada e Aspectos negativos

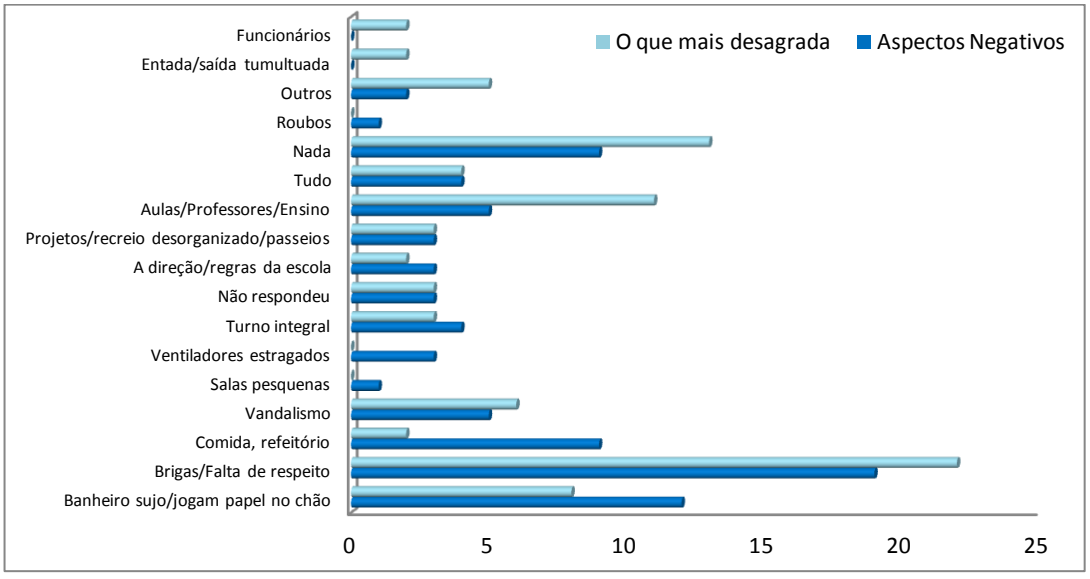



Gráfico criado pela autora

No que diz respeito à pergunta “Você considera que a escola é importante para você? Por quê?”, 93% dos alunos responderam “Sim”, e as respostas foram diversas: “Se não fosse a escola, o que ia ser de nós?”; “Porque sem a escola eu não estaria aqui lendo.”; “Para aprender

muitas coisas diferentes.” (alunos do 6º ano C); “Porque é onde eu aprendo.”; “Sem a escola não seria nada.”; “Precisamos de mais educação e conhecer mais cultura” (alunos do 6º ano A); “Para aprender muitas coisas”; “Porque ensina muita coisa”; “Porque é onde vamos criar nosso futuro” (alunos do 6º ano B); “Bom, a escola sempre é importante para todos, né. Mas nossa escola não é tão boa assim, porque não ensina o que tem que ensinar, é muito fraco.”; “Sem ela eu não iria aprender metade do que sei e não iria ter muitos amigos”; “Não, pois é só uma parte ruim que terei que passar antes do ensino médio”; “Porque essa escola mudou a minha vida; eu aprendi muitas coisas” (alunos do 9º ano).

Figura 9: A importância da escola para os alunos

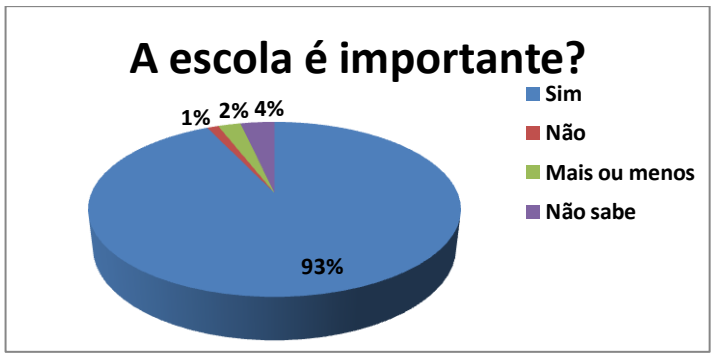



Gráfico criado pela autora

Constatou-se que os discursos variam bastante, mas em sua grande maioria, os alunos percebem a escola como sendo importante, especialmente para seu futuro. Outro aspecto que caberia destacar está relacionado ao fato de que, nessa comunidade, não há bibliotecas, cinema, teatro ou qualquer outro espaço cultural. Dessa forma, a escola é o único lugar que oferece atividades dessa natureza.

A última pergunta realizada, “Você acredita nesta escola?”, teve 79% de respostas afirmativas, apontando como justificativas: “Porque ela era muito velha e agora está muito bonita”; “Porque é uma escola bem organizada e tem uma equipe diretiva muito boa em vários aspectos” (alunos do 6º ano C); “Por causa dos professores, eles são os mais importantes para mim”; “Porque ela pode realizar vários sonhos de aprender muitas coisas e de ser formado também”; “Porque cumpre as combinações” (alunos do 6º ano B); “Porque desde pequena eu estou aqui, então o ensino daqui é ótimo demais, e se não fosse eu não estaria mais aqui”; “Porque eu confio no potencial desta escola e dos professores ensinando”. No entanto, 9% dos alunos afirmaram não acreditar na escola, complementando suas

respostas da seguinte forma: “Não, porque ela cai aos pedaços” (alunos do 6º ano A); “Não, eu não me surpreenderia se daqui a alguns anos fosse abandonada e virasse numa casa de crack” (alunos do 9º ano).

Figura 10: Você acredita nesta escola?

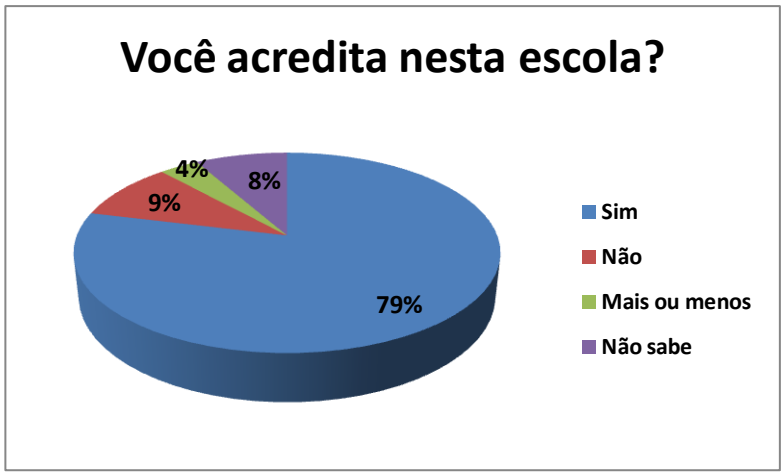



Gráfico criado pela autora

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir desta breve análise, pode-se constatar algumas questões relevantes a esse espaço estudado. O primeiro deles, diz respeito aos discursos que ocorrem dentro e fora do espaço escolar, de que os alunos não gostam da escola e não se importam com as aulas, com os estudos. A partir dessa pesquisa verificou-se que isso não confere, visto que, em sua grande maioria, os alunos pesquisados consideram esse espaço importante para suas vidas, acreditam nesta escola específica e valorizam os professores, as aulas, as atividades, bem como a organização do espaço e das salas de aula.

Também constatou-se que as brigas, a violência, o bullying e o desrespeito dos alunos com relação aos colegas e aos professores, são atitudes que os incomodam bastante, sendo considerados aspectos negativos. Contrariando o senso comum, essas questões de violência não foram naturalizadas pelos alunos, também os desacomodam e são apontadas como questões a serem melhoradas. Além dessas questões, incomodam aos alunos questões que se referem à organização geral de aspectos diversos da escola. Por exemplo, quanto ao refeitório

e à comida, a maioria das queixas está relacionada à falta de diversificação nos lanches (especialmente os do turno da tarde); o tumulto na hora do almoço; e o fato das funcionárias servirem os alunos (isso particularmente desagrada aos estudantes do 9º ano).

Outras questões que apareceram nessa pesquisa, dizem respeito às relações entre os alunos e a escola; os alunos entre si; e as famílias com a escola. No que diz respeito aos alunos, foram apontados as brigas, a falta de respeito, os palavrões, os apelidos e o bullying como problemas. No entanto, no que se refere aos colegas de sala de aula, a maioria dos estudantes considera que as relações são boas, o que levou à conclusão de que a convivência diária dentro do espaço restrito da sala de aula pode favorecer as relações, possibilitando que a proximidade entre eles crie laços de amizade e de respeito mútuos.

Quanto às famílias, os alunos percebem a importância dessas nas suas vidas escolares e percebem que ainda há pouca participação deles na escola. Diversos estudantes sugeriram que a escola promova mais atividades que envolvam as suas famílias. Novamente contrariando o senso comum, os alunos querem suas famílias próximas de suas vidas escolares.

No que tange à Equipe-Diretiva e à Direção, houve muitas queixas, reclamações e desabafos de alguns alunos, especialmente os do 9º ano. Muitos alegaram o pouco contato com alguns membros da direção e quando há tal contato, não parece ser muito positivo ou agradável. Percebeu-se, também, que um grande número de alunos não tem uma ideia muito clara dos papeis desempenhados pelas pessoas que compõem a direção e a equipe-diretiva. Isso faz com que não percebam a importância dos mesmos, uma vez que um número significativo de estudantes não soube ou não respondeu à pergunta realizada: 24% quando perguntados sobre a Equipe Diretiva e 23% quanto à Direção e Vice-Direção. Também se observou que, de acordo com a percepção de alguns estudantes, não há tratamento adequado e cordial por parte de alguns membros da direção (tanto no que diz respeito aos alunos, quanto às suas famílias), o que faz com que alguns alunos desacreditem na importância desses papeis.

É importante destacar que os aspectos apontados como negativos estão relacionados à gestão da escola, de um modo geral, além de questões relacionadas ao comportamento, visto que foram apontados como aspectos negativos e o que mais os desagrada na escola, as brigas e o desrespeito, e questões relacionadas à manutenção (ventiladores, por exemplo), banheiros (limpeza, falta de cuidado dos alunos) e organização das filas no refeitório e nas entradas e saídas (“tumulto” no portão).

No que diz respeito ao mau comportamento apontado por um número expressivo de alunos, é importante destacar o tempo em que os alunos pesquisados estão nessa condição, ou

seja, são alunos há mais de seis anos, conforme apontado anteriormente. Isso faz com que tenham incorporado para si discursos produzidos na/pela escola. A disciplina, ou, nesse caso, a falta dela, é o discurso "oficial" da escola, ou seja, um discurso institucional. Com relação a isso, Foucault aponta que a arte da punição não está relacionada à repressão, mas que ela utiliza

> [...] cinco operações bem distintas: relacionar os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um conjunto, que é ao mesmo tempo campo de comparação, espaço de diferenciação e princípio de uma regra a seguir. Diferenciar os indivíduos em relação uns aos outros e em função dessa regra de conjunto – que se deve fazer funcionar como base mínima, como média a respeitar ou como o ótimo de que se deve chegar perto. Medir em termos quantitativos e hierarquizar em termos de valor as capacidades, o nível, a "natureza" dos indivíduos. Fazer funcionar, através dessa medida "valorizadora", a coação de uma conformidade a realizar. Enfim traçar o limite que definirá a diferença em relação a todas as diferenças, a fronteira externa do anormal (a "classe vergonhosa" da Escola Militar). A penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeneíza, exclui. Em uma palavra, ela *normaliza.* (FOUCAULT, 2004, 153).

Essa normalização a que Foucault se refere aparece em diversas falas relacionadas aos aspectos considerados negativos e/ou desagrada os alunos, como nas respostas que seguem: "As bagunças no recreio" (aluno do 9º ano); "Gangues de alunos na hora do recreio" (aluno do 6º ano B); "O comportamento" (aluno do 6º ano C); "Se relacionam como funkeiros se relacionam" (aluno do 9º ano); "Mal-educados" (aluno do 6º ano A); "São bagunceiros e se comportam mal" (aluno do 6º ano B); "O comportamento é ruim" (aluno do 6º ano C), "Brigas e discussões" (aluno do 9º ano), "Brincadeiras de mau-gosto" (aluno do 6º ano A), "Colegas mal-educados" (aluno do 6º ano B), "O comportamento dos alunos" (aluno do 6º ano C).

É importante destacar que aqui não se está colocando em análise a importância ou não da disciplina, mas de que forma ela exclui, normaliza, hierarquiza; passa a fazer parte dos discursos, inclusive dos alunos. Foucault (2004, p. 151), aponta que a classificação das condutas e dos desempenhos "a partir de dois valores opostos do bem e do mal; em vez da simples separação do proibido, [...] temos uma distribuição entre polo positivo e polo negativo; todo o comportamento cai no campo das boas e das más notas, dos bons e dos maus pontos." E isso apareceu de forma bastante evidente nos discursos de alguns alunos ao se referirem a outros ou às famílias dos outros, como nos dois exemplos que seguem: "Só tem

funkeiros, então é uma .... *[porcaria]*"; "Se relacionam como famílias de funkeiros se relacionam" (alunos do 9º ano). Tais discursos expressam a hierarquização de valores culturais, denotando que a preferência por um estilo específico de música determina, de certa forma, o comportamento das pessoas.

Conclui-se que a escola objeto de análise deste trabalho é percebida pelos alunos pesquisados como um espaço rico, potente e importante em suas vidas. Os professores são os maiores responsáveis por essas percepções positivas. Dessa forma, ao contrário dos discursos que se produzem a respeito da falência dessa instituição, da precariedade do ensino, especialmente do ensino público; da falta de interesse dos alunos; da incapacidade dos professores em promover o desejo de aprender em seus alunos; a escola pode ser um espaço capaz de produzir aprendizagens e afetos.

Dessa forma, a escola pode ser pensada como um lugar da *suspensão*, em que se pode deixar *do lado de fora do portão*, a violência, os maus-tratos, o desejo exacerbado de consumo, o abandono, o individualismo; uma vez que ela "[...] oferece aos estudantes, por exemplo, a oportunidade de deixar para trás seu passado e seu contexto familiar, e logo de tornarem-se estudantes como todos os outros." (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p. 291).

Também a escola pode ser um espaço em que a experiência venha a ser percebida como "[...] o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca" (LARROSA, 2001, p. 21). Dessa forma, a experiência não está fora do indivíduo e não se dá de forma igual, uma vez que é singular, única, intransferível, irrepetível, imprevisível. Ao contrário do experimento, que é repetível,

> [...] a experiência é irrepetível, sempre há algo como a primeira vez. Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem "pré-ver" nem "pré-dizer". (LARROSA, 2001, p. 28).

Por fim, a escola também pode ser um espaço público, aqui entendido como "sendo de todos", comum a todos, não a uns ou a outros, mas a *todos*. Assim, ao irromper e invadir o portão, o estrangeiro pode ser um sujeito da experiência, da alteridade e do coletivo.

**BIBLIOGRAFIA**


ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar.** 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010.** Disponível em: < http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 02 mar. 2016.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Estatísticas do IDEB 2013**. Disponível em: < http://portal.inep.gov.br/web/portal-ideb/planilhas-para-download>. Acesso em: 02 mar. 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 19, p. 20-28, 2001. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2015.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

PORTAL BRASIL. **Bolsa Família**. Disponível em: <http://bolsafamilia.datasus.gov.br/w3c/bfa.asp>. Acesso em: 10 mar. 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Secretaria Municipal de Educação. **Projeto Político Pedagógico:** Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa senhora do Carmo. Porto Alegre: 2015.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa Científica. In.: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. (p.31-43)

VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corcini. Para pensar de outros modos a modernidade pedagógica. In.: **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 12, n. 1, 2010. p. 147-166. Disponível em: < http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0168-ssoar-212264>. Acesso em 05 mar. 2016.